

## **Preposição *com* no português moçambicano (PM): uma análise qualitativa**

**Calawia Salimo**

### **RESUMO**

O presente estudo faz uma análise qualitativa sobre o uso da preposição *com* no português falado em Moçambique. Os dados analisados neste artigo foram coletados em duas escolas secundárias da Província de Cabo Delgado-Moçambique. Como amostra, foram entrevistados dez (10) alunos da 10<sup>a</sup> classe, todos falantes do português como segunda língua (L2), e língua bantu primeira língua (L1). Os resultados mostram emergência de estruturas inovadoras no português moçambicano que consiste na preferência da preposição *com* para indicar meio em contextos, que a norma padrão culta exigiria o uso obrigatório da preposição *de*. Nisso, assumimos que essas novas estruturas não devem ser vistas como errôneas, desvios ou estranhas, mas sim como inovações ou adequações no contexto moçambicano resultantes do contato entre a língua portuguesa e as línguas do grupo bantu.

**PALAVRAS-CHAVE:** preposição; *com*; português moçambicano.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo geral, explicar e mostrar indícios da emergência de novos contextos de uso da preposição *com* no português falado em Moçambique. Moçambique é um país multilíngue e multiétnico. E o português, única língua oficial, coexiste com cerca de 23 línguas do grupo bantu. Isso faz com que em Moçambique, o português encontre-se tipicamente em situação de contato com línguas do grupo bantu. A interação do português com línguas de tipologias muito diferentes, contribui fortemente para o desencadeamento quer de fenômenos de flutuação entre dispersas opções gramaticais, quer mesmo de casos de variação e mudança linguística. “A variedade moçambicana do Português está a emergir num contexto multilíngue, onde a maior parte das línguas maternas (L1) dos falantes pertencem à família bantu” (GONÇALVES, 2010, p. 13). Apesar do Português em Moçambique ser regulado pela norma europeia ela é também adaptada à realidade locais do país.

O português essencialmente é uma língua urbana aprendida como Língua segunda (L2) por via escolar e usado em algumas situações diárias. Em Moçambique, 40% da população adquire o português como L2 e apenas 3% como Língua primeira (L1). É óbvio que o português falado em Moçambique apresente fissuras a vários níveis, desde fonéticos, fonológicos, morfológicos sintáticos até mesmo semânticos. Timbane (2015), falando sobre a dinâmica da língua portuguesa no ensino primário em Moçambique explica que

quase na totalidade das nossas crianças, quando entram para a escola, não fala Português e, naturalmente, não lê e não escreve. Esta é a situação típica do meio rural, onde prevalece o uso das línguas locais, as línguas bantu, e onde o português é praticamente uma língua “estrangeira”: é aprendido e usado na sala de aula, sobretudo através do contato com o professor e com os livros escolares, sendo pouco frequentes as situações de comunicação em que é falado em ambiente natural. No seu dia a dia, em casa com a família e nas brincadeiras com os amigos, as crianças comunicam na sua língua materna. (TIMBANE, 2015, p. 94).

O presente artigo pretende fazer uma análise dos novos contextos de ocorrência da preposição *com* na fala do português moçambicano.

A norma padrão do português prevê o uso da preposição para relacionar dois termos de uma oração. A preposição *com* exprime entre outras coisas, a posição, companhia, comparação, associação, instrumento, aproximação, preço, meio. Ora, os nossos dados mostram ocorrência da preposição *com* em contextos inovadores ou estranhos em relação à norma culta padrão do português europeus (PE). Estruturas do tipo (1) “O João foi à escola *com* carro” (esta estrutura é tida como errada na gramática normativa do PE e na gramática escolar em Moçambique). A estrutura inovadora difere da variedade culta (2) ‘O João foi à escola *de* carro. A estrutura (1) e (2) são diferentes, mas os falantes usam para se referir do mesmo propósito: o de referir meio de

transporte. Nisso, perante a inovação no uso da preposição *com* em Moçambique levantamos a seguinte questão: Quais são fatores (linguístico e extralinguísticos) que desencadeiam a propagação do novo contexto sintático da preposição *com* em Moçambique?

Nas escolas públicas de Moçambique coabitam alunos de diferentes classes sociais e falantes de português tanto como Língua primeira (L1) quanto como Língua segunda (L2). Na maioria desses alunos são falantes de línguas maternas de grupo bantu como Língua primeira (L1), mas absorvidos pelo mesmo sistema educativo.

Não são raros os estudos sobre o português de Moçambique, Timbane (2013) sobre a variação e mundaca lexical no Português de Moçambique; Gonçalves (1996) sobre aspectos de sintaxe do português em Moçambique; Menezes (2011) a Problemática de aquisição do Português como segunda língua (L2) em países multilíngues: o caso de Moçambique; Machava (1994) a Colocação do Pronome Pessoal Átomo em frases subordinadas no Português de Moçambique; Monteiro (2015) Ensinar a língua portuguesa em Moçambique: Desafios, possibilidades e constrangimentos; Carvalho (1987) Mudanças linguísticas no português de Maputo, Companhia (2019) Contexto Social e Aquisição do Português em Moçambique, Chimbutane (2018) Portuguese and African Languages in Mozambique: A sociolinguistic approach. Ora, muitos desses estudos não fazem abordagem específica sobre o uso do pronome *Com* na fala do português em Moçambique, daí a necessidade e relevância deste estudo.

O contato entre línguas é um dos fatores que mais contribuem para desencadear variação linguística a qual, ao ser progressiva e sistematicamente incorporada nos usos dos seus falantes, pode levar a uma situação de mudança de alguns dos parâmetros da língua, (MATEUS et al., 2003). O português em África, particularmente em Moçambique, reflete a evolução do português fora do seu espaço de origem, em contato com outras línguas na sua maioria de grupo bantu. Este contato entre o português e as línguas bantu e outras línguas asiáticas faladas nativamente por um grupo menor de pessoas em Moçambique, contribui para o surgimento e reconhecimento de novas estruturas em vários níveis: fonéticos, fonológicos, morfológicos, semânticos, pragmáticos e sintáticos.

O presente artigo está organizado em cinco seções, a seguir temos os procedimentos metodológicos (1.1), mais adiante, aparece (1.2) a descrição do que é uma preposição, seguidamente, (1.3) natureza semântica das preposições, e (1.4) descrição dos antecedente e conseqüente, aqui descrevemos o modo como se apresentam os termos que cercam a preposição em estudo; em (1.5) descrevemos e analisamos a ocorrência da preposição *com* no português moçambicano, depois disso temos as considerações finais e as referências.

Terminados os aspectos introdutórios, a seguir abordamos questões referentes aos procedimentos metodológicos que orientaram o presente artigo.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A fim de permitir um tratamento de dados que forneça padrões de generalizações dos resultados obtidos, primeiro, fizemos a construção de coleções de sentenças sobre os contextos de ocorrência da preposição *com* no português. Este procedimento teve por objetivo produzir padrões na organização sequencial do português moçambicano falado. Tais padrões, permitiram explicar o uso generalizado de sequências conversacionais com ocorrência da preposição *com* em contextos estranhos ou inovadores.

Depois disso, com base na nossa coleta de dados que mostrou vários contextos inovadores de ocorrências da preposição *com* na fala do português em Moçambique, fizemos uma descrição formal dos mesmos com base na gramática normativa do português culto ou padrão. A descrição consistiu na verificação de cada sentença os elementos que antecedem e seguem a preposição *com*. Este procedimento nos permitiu identificar e descrever contextos novos (desvios) no uso dessa preposição no PM. Portanto, após a descrição formal dos contextos de ocorrência da preposição e fizemos generalizações às explicações analíticas, demos mais atenção aos casos inovadores, “desviantes”.

Os dados analisados neste artigo foram coletados em duas escolas secundárias da província de Cabo Delgado- Moçambique. Foram entrevistados dez (10) alunos da 10<sup>a</sup> classe, no primeiro de 2019. Ainda, importa referir que foram selecionados somente os alunos que aprenderam o português como L2 e adquiriram língua bantu como L1.

Depois desta breve descrição dos procedimentos metodológicos, a seguir descrevemos sobre o referencial teórico alinhado com as preposições. Primeiro, discutimos o que é uma preposição, a seguir discutimos sobre a natureza semântica das preposições e mais adiante, abordamos os antecedentes e consequentes das preposições.

## **O QUE É UMA PREPOSIÇÃO**

De acordo com Lima (1974, p. 157) as preposições são “palavras invariantes que subordinam um termo da frase a outro: a preposição mostra que entre o antecedente e o consequente há uma relação, de tal modo que o sentido do primeiro é explicado ou completado pelo segundo”.

Chamam-se preposições “as palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (antecedente) é

explicado ou completado pelo segundo (consequente)”. (CUNHA & CINTRA, 2005, p. 551).

Neves (2000), as preposições seriam itens gramaticais que pertenceriam à esfera das relações e processos e atuariam na junção dos elementos do discurso.

Para os autores acima, embora algumas preposições cheguem a desempenhar apenas funções sintáticas, por exemplo, *a* e *de* o que às aproxima das categorias funcionais, as preposições pertenceriam à categoria lexical e teriam um valor semântico maior. Ainda, os autores compartilham a ideia de as preposições atuarem no estabelecimento de relações entre dois elementos.

Gonçalves (2010, p. 25), defende que as preposições “pertencem ao grupo das categorias funcionais por terem muito mais em comum com esta categoria do que com a lexical”. De facto, as preposições contrariamente aos nomes, verbos ou adjetivos constituem uma pequena e fechada classe de palavras.

ILARI et al. (2015), às preposições seriam unidades predicadoras relacionais, pois relacionariam duas entidades: figura e fundo (objeto em foco e termo de referência) (e que seu sentido seria explicado por uma relação de polissemia e não de homonímia. Haveria, portanto, um sentido prototípico – de ordem espacial – e os demais sentidos observados seriam resultantes de extensões desse sentido de base. Berg (2005), a preposição se caracteriza por ser predicadora ou funcional, por isso, participa de relações.

Contrariamente da aqueles, em que as preposições pertenceriam a categoria lexical, estes defendem que as preposições pertenceriam a categorias funcionais.

Perini (2016, p. 440), uma preposição “é uma palavra que se coloca antes de um sintagma nominal (SN) de maneira que a sequência seja um sintagma adjetivo ou um sintagma adverbial”.

(3) O homem do paletó preto. (PERINI, 2016, p. 440)

Na sentença em (3), o sintagma, *do paletó preto*, que se compõe de uma preposição (*de*) mais um sintagma nominal (*o paletó preto*) e que funciona como modificador dentro do sintagma nominal maior *O homem do paletó preto*, é um sintagma adjetivo. Portanto, o acréscimo de *de* cria um sintagma adjetivo, que pode funcionar como modificador dentro do sintagma nominal.

Nisso, a preposição é tida como uma das palavras com a função de criar outra construção pertencente a uma classe diferente da inicial. Talvez seja por isso que Bechara (2003) advoga que preposição é uma unidade linguística desprovida de independência por não aparecer sozinha no discurso.

## A NATURA SEMÂNTICA DAS PREPOSIÇÕES

De acordo com Bechara (2003, p. 298) cada preposição “tem o seu significado unitário, fundamental, primário, que se desdobra em outros significados contextuais (sentido), em oposições particulares que emergem do nosso saber sobre as coisas e da nossa experiência de mundo”.

A extração do sentido indicado por uma preposição demanda, não só do significado prototípico da preposição, como também do conhecimento extralinguístico dos seus falantes.

Lima (1974, p. 321) distingue as preposições em fortes e fracas. As preposições fortes seriam, “*contra, entre e sobre*, estas guardariam certa significação em si mesmas”, enquanto as fracas seriam: *a, com e de*, estas não teriam sentido nenhum, expressando apenas, em estado potencial e de forma indeterminada, um sentimento de relação”. Nesta mesma linha de pensamento, Berg (2005), apresenta também dois grupos de preposições fortes e fracas. As primeiras, *a, com, de, em, para e por* seriam consideradas fracas e possuiriam mais variedade de sentido do que as demais; Ora, as segundas, as preposições *ante, após, até, contra, desde, entre, perante, sem, sob, sobre* seriam consideradas fortes e também seriam mais previsíveis, uma vez que, mesmo fora do contexto, seria possível atribuir-lhes um – ou poucos – sentidos de formas bem demarcados.

A distinção em preposições fortes e fracas apresentadas pelos autores não é consensual entre si. Lima (1974), apresenta três preposições que seriam fortes, enquanto Berg (2005), apresenta onze (11) preposições. Apesar dessas divergências, ambos compram a ideia de que as preposições teriam um significado unitário.

Para Perini (2016), algumas preposições seriam funcionalmente especializadas (*depois de e durante* só formariam sintagmas adverbiais. Outras, por exemplo a preposição *de* funcionaria como, (i) sintagma adjetivo e (ii) sintagma adverbial. Ainda, importa referir que o autor distingue dois grupos de preposições, (i) preposições predicadoras- aquelas que atribuiriam papel temático, (ii) preposições funcionais aquelas que não atribuiriam papel temático (*em, com, de, a, como, pela*).

Semanticamente, Neves (2000), distingue três tipos de preposições (i) preposições que introdutoras de argumentos (*a, até, com, contra, de, em, entre, para, por, sob e sobre*); (ii) preposições não introdutoras de argumentos (*ante, após, perante e sem*); (iii) preposições acidentais, que consistiriam em unidades linguísticas pertencentes a outras classes gramaticais que poderiam, por sofrer um processo de gramaticalização, operar como uma preposição em determinados contextos. Para ILARI et al. (2015), as preposições possuem um sentido de base espacial. Nessa mesma linha de pensamento, Berg (2005) refere que todas as preposições teriam sentido.

O grupo de autores acima citado corrobora entre si, com a ideia de que as preposições seriam portadoras de significado, mas divergem quanto aos subgrupos das preposições. Para além dos subgrupos: predicadoras e não predicadoras, Neves (2000) acrescenta mais um subgrupo, preposições acidentais.

Em relação à preposição que nos propusemos a analisar neste artigo, Perini (2016) apresenta uma contradição. Primeiro, o autor considera *com* como uma preposição predicadora, atribuidora de papel temático, essa ideia é compartilhada por (NEVES, 2000).

(4) A Renata viajou *com* os filhos. (PERINI, 2016, p. 442)

Nesta sentença a preposição atribui o papel temático de companhia ao SN *os filhos*. Depois, o autor, considera novamente a preposição *com* como uma preposição funcional, não atribuidora de papel temático, tal como aparece na sentença abaixo.

(5) O chefe está contanto *com* a gente para esse serviço. (PERINI, 2016, p. 442)

Para os nossos propósitos neste artigo, a fim de extrair o sentido da preposição *com* português falado de Moçambique, vamos considerar tanto as razões léxico-gramaticais quanto o conhecimento do mundo, isto é, conhecimento extralinguístico.

## DESCRIÇÃO DOS ANTECEDENTE E CONSEQUENTE

Bechara (2003), há casos em que uma preposição se caracterizaria por ser transpositor, isto é, elemento gramatical que habilita uma determinada unidade linguística a exercer papel gramatical diferente daquele que normalmente exerce. Ora vejamos, o substantivo normalmente não tem por missão ser palavra modificadora de outro substantivo, razão por que não é comum dizer-se *homem coragem*; para que *coragem* esteja habilitado a assumir o papel gramatical de do adjetivo corajoso (homem corajoso), faz-se necessário o concurso do transpositor *de*: *homem de coragem*. Neste contexto, o termo anterior a preposição chama-se antecedente ou subordinante (pode ser substantivo, adjetivo, pronome, verbo adverbio ou interjeição), e o posterior chama-se consequente ou subordinado (pode ser substantivo, adjetivo, verbo no infinitivo/ gerúndio ou adverbio).

Segundo Lima (1974), antecedente é a palavra ou núcleo cujo sentido é condicionado a modificações pelo elemento que segue a preposição – o termo consequente.

Até aqui fica claro que uma preposição nunca ocorre isoladamente sozinha. Isto acontece porque, protótipicamente, para além do significado unitário, a preposição estabelece uma relação entre dois elementos

(antecedente e conseqüente), seja para atribuição de papel temático ou para encabeçar argumentos exigidos pelos verbos.

Neves (2000) mostra que, para fins de descrição de preposições, seria necessário tomar em consideração: o seu valor unitário; a natureza dos termos em relação; a relação sintática entre o antecedente e o conseqüente; os traços semânticos dos dois termos em relação e a relação semântica que entre eles se estabelece” (NEVES, 2000, p. 18).

Para Berg (2005), todas as preposições, independentemente do ambiente em que ocorrem, possuiriam sentido. E dependendo do verbo com o qual ocorrerem, as preposições desempenhariam duas funções: (i) como uma preposição predicadora e (ii) como uma preposição funcional. Perini (2016), Berg (2005) as preposições predicadoras encabeçariam argumentos que não seriam exigidos pelos verbos e atribuiriam o papel temático a seus complementos em função do tipo de ambiente semântico em que elas ocorreriam. Isso porque o papel temático atribuído pela preposição não tem nada a ver com o sentido intrínseco da mesma. Enquanto as preposições funcionais encabeçariam argumentos exigido pelos verbos.

Como dito, neste artigo, na análise de dados do português falado de Moçambique, tomamos em consideração não só os elementos antecedentes e conseqüentes da preposição *com* em função das razões léxico-gramaticais, como também o conhecimento do mundo sobre as coisas. Estamos defendendo que o significado unitário das preposições pode sofrer alteração dependendo do contexto em que ocorre.

A seguir, a presentamos e analisamos alguns dados de fala do português moçambicano com enfoque na ocorrência da preposição em tela.

## **PROPOSIÇÃO “COM” NO PORTUGUÊS MOÇAMBICANO (PM).**

Nesta seção vamos apresentar e analisar a ocorrência da preposição *com* nos dados de fala do português de Moçambique. Os dados são apresentados seguindo a seguinte notação: DI (diálogo entre o entrevistador e informante), seguidos da identificação do país: MZ (Moçambique) e o número do informante.

(5) Todas as férias do final de ano viajo para Pemba *com* carro do serviço do meu pai...(DIMZ04)

(6) ...Eu sempre viajo *com* chapa<sup>1</sup>... (DIMZ01)

Os dados (5) e (6) são duas amostras de falas de indivíduos escolarizados (10<sup>a</sup> classe), nelas há indícios que comprovariam que faz sentido

---

<sup>1</sup> Chapa é todo transporte terrestre público de passageiros.



sim, entender (5) [*com carro do serviço*] e (6) [*com chapa*] como expressão de meio de transporte usado pelo agente da frase e não como instrumento. Nos dois casos acima, a gramática do português culto/padrão<sup>2</sup> impõe que os sintagmas (5) [*com carro do serviço*] e (6) [*com chapa*] sejam tratados como desvios pela ausência da preposição *de* no lugar de *com* [viajou para Pemba *de* carro], [viajo *de* chapa] respectivamente. Com base nas relações léxico-gramaticais a preposição *com* em (5) (6) expressa papel temático de instrumento. Ora, com base no conhecimento extralinguístico estamos defendendo e assumindo que esses dados mostram existência de evidências a favor de uma interpretação de meio (de transporte).

(7) ...não, eles vieram depois *com mota*, taxi mota... (DIMZ10)

(8) Aconteceu acidente ali no portão... estavam a fazer competição de mota, todos *com lifo*<sup>3</sup>...(DIMZ03)

Com base nas relações léxico-gramaticais dos sintagmas em itálico em (7); (8) e na nossa observação participante, podemos presumir que os falantes do português moçambicano estão incorporando formas inovadoras “desviantes” na gramática da língua. O fato de o substrato dominante dos nossos informantes ser uma língua bantu (L1), associada à uma aprendizagem incompleta da gramática do português padrão/culto, e o contato entre línguas bantu e português em Moçambique faz emergir novas estruturas sintáticas estranhas à luz do português culto. Estas novas estruturas sintáticas não devem ser classificadas de erros, desvios, mas sim como variantes contextuais e típicas do português moçambicano. A inovação na gramática do português moçambicano consistiria no uso da preposição *com* no lugar da preposição *de* para expressar meio (de transporte) no PM. tanto instrumento quanto modo, tal como o sentido dos sintagmas: (7) [*com mota*] (8) [*com lifo*] deve ser explicado por uma relação de polissemia e não homonímia. Com base nas relações léxico-gramaticais, a norma do português culto/padrão impõe que para que esses sintagmas expressassem o meio de transporte, a estrutura correta seria: [*de mota*] e [*de lifo*] respectivamente. Ora, aqui e agora, a pesar de reconhecermos a existência de um sentido prototípico associado à preposição *com* (companhia, instrumento e modo, etc.) e uma semântica extremamente variada associada à preposição *de*, os novos sentidos emergentes da preposição *com* observados no português moçambicano seriam uma extensão desses sentidos originais ou prototípicos. Nisso, em alguns contextos os traços semânticos para indicar meio e instrumento seriam compartilhados entre as

---

<sup>22</sup> Variedade culta/padrão é normalmente associada às camadas mais altas da pirâmide social. É, em geral, a língua usada pelos falantes mais escolarizados, com maior remuneração e que moram em centros urbanos. Essas pessoas, por seu status, comumente gozam de prestígio social, e esse prestígio é transferido para a sua fala. A variante padrão é conservadora e de prestígio. (COELHO et al. 2015, p. 15-18).

<sup>3</sup> Lifo é uma marca de motorizada de fabrico Chinês.

duas preposições *com* e *de*. Sobre isso, Bechara (2003), apresenta contextos de emprego das duas preposições: a preposição *de* “indica o meio, o instrumento ou modo, em sentido próprio ou figurado[...] (p. 313) [...] a preposição *com* aparece nas circunstâncias de companhia, modo, maneira, meio, instrumento[...] (p. 311)”. Portanto, o português moçambicano estaria dando preferência a preposição *com* em contextos sintáticos adequados à preposição *de*.

(9) Dizem que não é a primeira vez que entra *com mota* até aqui dentro... Aqui é proibido entrar *com mota*... (DIMZ06)

(10) ... mas ele não saiu dali *com mota*, a mota levaram *com* outra pessoa... (DIMZ09).

(11) ...Sim, já tínhamos saído, voltamos todos *com o carro dele*... (DIMZ05)

(12) Eu nunca subi avião...mas papa já subiu avião...papa já viajou para Maputo *com avião*... mamã também nunca subiu avião. (DIMZ02)

(13) Isso aí sei andar...eu sei andar *com bicicleta*, sei andar *com mota*... (DIMZ08)

(14) ...foi ida e volta. Ida fomos *com boleia*<sup>4</sup> e voltamos *com chapa*<sup>5</sup>. (DIMZ07)

A interpretação do sentido semântico das frases (9), (10), (11), (12), (13) e (14), depende não só do conhecimento da língua, mas também do conhecimento extralinguístico, isto é, do mundo que nos rodeia. Em todas essas construções, o conhecimento da língua nos limita a possibilidade o papel instrumento, (nos sintagma em itálico), excluindo por exemplo, modo e companhia. Ora, neste artigo estamos defendendo que, o conhecimento extralinguístico não só entra para excluir modo, companhia (até mesmo instrumento), como também entra para introduzir uma nova carga semântica, meio, que protótipicamente pertenceria a preposição *de*. Portanto, os sintagmas em itálico em (9), (10), (11), (12), (13) e (14), podem, aliás devem ser entendidos como meio e excluir instrumento, companhia e modo, não por razões léxico-gramaticais ou restrições linguísticas, mas pelo que sabemos do contexto de uso da língua portuguesa em Moçambique. Como já dito, o português em Moçambique coexiste com diferentes línguas bantu faladas nativamente pela maioria da população. Esse contato entre português e línguas bantu desencadeia ajustes mais radicais de semântica e estrutura sentencial. O uso de termos *boleia* (pegar carona grátis) e *chapa* (transporte terrestre de passageiros) é um dos exemplos que mostra as particularidade do português

---

<sup>4</sup> Boleia- pegar carona grátis.

<sup>5</sup> Ver a nota 1.

moçambicano. Portanto, alguns falantes podem ser incapazes de produzir enunciados em português e na língua bantu com igual competência por causa de algumas restrições de aprendizagem, de conhecimento e de práticas associadas à classe em que fazem parte Weinreich, Labov, Herzog (1968, [2016]), mas todos falantes podem se entender mutuamente. Nessa trajetória, no caso específico da abordagem em tela, ao contrário da preposição *de* que mostra indícios de perda da nuance para indicar meio, a preposição *com* vai se tornando prototípicas para indicar essa mesma nuance no português falado em Moçambique.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados de análise neste artigo foram obtidos com recurso à dados de 10 informantes. Para confirmação dos resultados recomendamos outros estudos envolvendo muitos falantes e volume de dados ainda maior. Ora, deixando de fora o número reduzido de informantes, os dados mostram que as relações léxico-gramaticais, as restrições linguísticas não podem unicamente servir para a interpretação semântica das nuances da preposição *com* no português falado. A interpretação semântica dessa preposição deve estar, também, associada ao conhecimento extralinguístico e contextual dos seus falantes. Aqui e por gora, estamos assumindo que o português falado em Moçambique mostra indícios e evidências de uso da preposição *com* não só para expressar companhia, modo e instrumento (como manda a gramática normativa), mas também, de forma preferencial, para expressar ‘meio’ [viajar *com* *avião*] ao invés da preposição *de* [viajar *de* *avião*]. Nisso, não procede mais considerar a construção [viajar *com* *avião*] como errônea.

## REFERÊNCIAS

- BECHERA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Editora-Lucerna, Rio de Janeiro, 2003.
- BERG, M. **O comportamento semântico-lexical das preposições no português do Brasil**. 2005. 128 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2005.
- CARVALHO, Maria José Albarran. **Mudanças linguísticas no português de Maputo**. *Angolé*, 7.1987.
- COMPANHIA, Carlito António. 2019. Contexto Social e Aquisição do Português em Moçambique. In Conceição Siopa Língua e Literacia (s) no Século XXI. **Textos selecionados das 9as Jornadas da Língua Portuguesa**, pp. 81-98. Porto: Porto Editora.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 18. Ed. Lisboa: Edições JSC, 2005.

- CHIMBUTANE, Feliciano. 2018. Portuguese and African Languages in Mozambique: A sociolinguistic approach. In Laura ÁLVAREZ-LÓPEZ (eds.) **The Portuguese Language Continuum in Africa and Brazil**, pp. 89-110. Amsterdam: John Benjamins.
- GONÇALVES, Perpetua. **A Génese do Português de Moçambique**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010.
- GONÇALVES, R. M. G. **Propriedades de Subcategorização Verbal no Português de S. Tomé**. Dissertação de Mestrado em Linguística: Lisboa, 2010.
- ILARI, R.; CASTILHO, A. T.; LEITÃO, M. L.; KLEPPA, L. A.; BASSO, R. M. A. (2015). Preposição. In: ILARI, R. (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: V. IV: palavras de classe fechada. São Paulo: Contexto, 2015. p. 163-310.
- LIMA, C. H. da R. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1974.
- MACHAVA, Benilde. **A colocação do pronome pessoal átono em frases subordinadas no português de Moçambique**. Universidade Eduardo Mondlane, tese de Licenciatura. 1994.
- MENEZES, Leonarda Jacinto José Maria. **A Problemática de aquisição do Português como segunda língua (L2) em países multilíngues: O caso de Moçambique**. *Percursos Linguísticos*, 1 (2): 110-123. 2011.
- MONTEIRO, Ana. Entre línguas: A relação entre língua materna e língua segunda. In Mónica Bastos (orgs.) **Ensinar a língua portuguesa em Moçambique: Desafios, possibilidades e constrangimentos**. Textos seleccionados das VII Jornadas da Língua Portuguesa, pp. 28-57. Porto: Porto Editora. 2015.
- NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- PERINI, Mario A. **Gramática descritiva do português brasileiro**. Editora Vozes. Rio de Janeiro. Brasil. 2016.
- STROUND & GONÇALVES. (Org.). **Panorama do Português Oral de Maputo**, V.-I, Maputo-Moçambique, INDE, 1997.
- TIMBANE, Alexandre António. **A Variação e a Mudança Lexical da Língua Portuguesa em Moçambique**. São Paulo, Araraquara, 2013.
- TIMBANE, A. A. A complexidade do ensino em contexto multilíngue em Moçambique: políticas, problemas e soluções. **CALIDOSCÓPIO**, V. 13, n. 1, p. 92-103, jan./abr. 2015. Acesso Jan. 2019.
- WEINREICH, U; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de M. Bagno. São Paulo: parábola, 2006 [1968].
- COELHO, L I.; GORKI, M. E.; SOUZA, M. N. C.; MAY, H. G. **Para conhecer Sociolinguística**. Editora contexto, São Paulo. 2015.